

TECENDO SABERES E SENTIDOS: A CENTRALIZAÇÃO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E O COTIDIANO DA ESCOLA

O presente artigo pretende provocar reflexões acerca da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e das produções curriculares cotidianas. Buscamos fazer uma breve problematização da centralização curricular proposta pela Base e pensar o quanto ela contribui para a invisibilização do que nós, professores e professoras, produzimos como currículos. Assim, apresentamos também um pequeno relato sobre um projeto educacional em desenvolvimento em uma escola pública de um município da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

Pensamos os currículos como *espaçostempos*¹ (ALVES, 2001) de produção. Nessa perspectiva, os currículos são entendidos como algo em constante movimento, de construção e reconstrução. Como um campo de disputa de lógicas e saberes, permeado pela complexidade dos cotidianos e dos sujeitos que os compõem e dão vida às propostas curriculares. Dialogamos com Alves (2001), nas questões relativas ao campo dos cotidianos, e com Freire (2013; 2017), no que se refere aos saberes.

Partimos do pressuposto de que a BNCC objetiva um maior controle das escolas, dos currículos e dos *saberesfazeres* docentes, que acabam tendo suas experiências e conhecimentos deslegitimados.

¹ Sobre as palavras aglutinadas, é um recurso do campo de estudos com os cotidianos com o propósito de produzir outro novo sentido ao deslocar o sentido original de cada palavra.

Percebemos que o trabalho no interior das escolas vai muito além do que é instituído por programas oficiais. E, assim, procuramos perceber os currículos como pulsantes; vida, corpo e movimento das/nas escolas. Acreditamos que os saberes construídos e tecidos nesse cotidiano escolar precisam ser ouvidos, discutidos e visibilizados.

Apresentamos um projeto que tem por objetivo pensar a potência das produções cotidianas, acreditando que os currículos que vão sendo produzidos coletivamente são legítimos e têm força contra os processos de centralização curricular.

A árvore de saberes

No ano do centenário de nascimento de Paulo Freire², foi desenvolvida uma atividade com os estudantes de uma escola pública no município de São Gonçalo³, com o intuito de que eles se reconhecessem como protagonistas no seu desenvolvimento, potencializando seus saberes. Partimos do pensamento de Paulo Freire de que não há saberes mais ou menos importantes, mas saberes diferentes (FREIRE, 2013).

² Paulo Freire completaria 100 anos em 19 de setembro de 2021.

³ Escola pública onde Tamiris Marinho, uma das autoras deste artigo, atua como docente do Ensino Fundamental I, no 3º ano.

Figura 1 - Árvore de saberes no pátio de uma escola pública no município de São Gonçalo



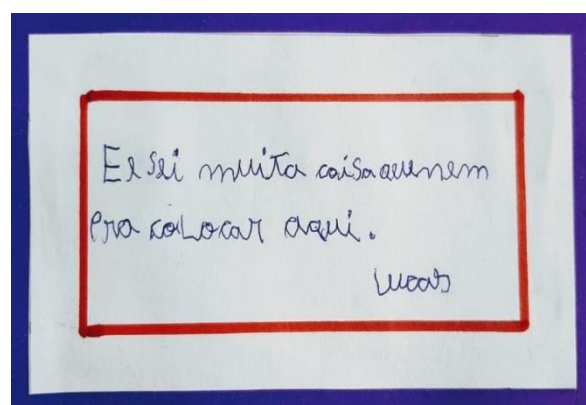
Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2021.

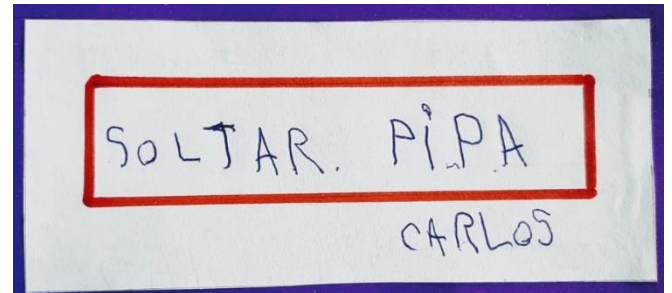
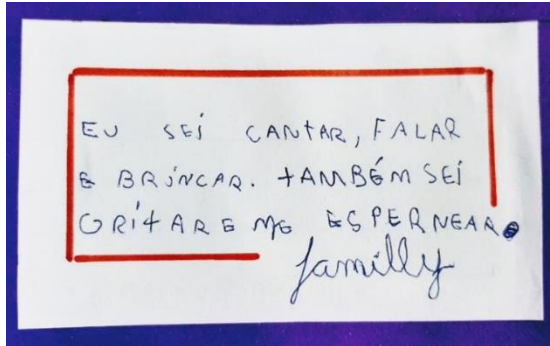
Essa atividade foi incorporada ao projeto anual da escola que está em desenvolvimento, e é construído pela equipe da unidade, relacionado ao meio ambiente, já que a escola está localizada em uma área rural. O projeto envolve toda a equipe da unidade escolar e membros da comunidade que participam ativamente.

Na atividade, cada professor, em sua turma, pediu para que os estudantes escrevessem ou desenhassem em um pequeno pedaço de papel o que eles sabiam. Esses saberes foram colocados em plaquinhas para serem pendurados e compartilhados na árvore do pátio da escola. Foram trabalhados, além dos saberes, o respeito ao outro no que sabe e no que ainda pode aprender, pensando com Freire “que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora. O educador, como quem sabe, precisa reconhecer, primeiro, nos educandos em processo de saber mais, os sujeitos, com ele, deste processo (...)” (FREIRE, 2017, p. 31)

A atividade para a turma do 3º ano começou com a professora distribuindo um pedaço de papel, do mesmo tamanho, para todos os estudantes, no qual poderiam escrever, em uma frase, ou outra forma que quisessem expressar, o que sabiam. O resultado foi incrível! Alguns estudantes fizeram poesia, um outro quis desenhar e outros escreveram. Mas um surpreendeu a professora, dizendo: "sei muita coisa, que nem cabe aqui nesse papel", tendo consciência de que já havia aprendido muitas coisas até ali. E, no final, cada um fez seu registro no papel do tamanho que precisou e os saberes foram partilhados na turma antes de serem pendurados na árvore. A professora percebeu na realização da atividade e depois dela como eles estavam felizes e mais confiantes com o que sabem e o que podem aprender.

Figura 2 – Placas elaboradas pelos estudantes do 3º ano a partir da atividade proposta pela professora, para que escrevessem ou desenhassem o que sabiam.





Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2021.

Com essa narrativa, queremos afirmar que entendemos a escola como um *espaçotempo* de produção de currículos que não podem ser previstos e que fogem ao que é proposto por documentos de políticas curriculares. Compreendemos também que as escolas produzem políticas e que, ao pensar os currículos como produções cotidianas permanentemente inacabadas, podemos perceber o potencial emancipatório nas práticas e produções cotidianas, em que os currículos são tecidos por diferentes sujeitos e modos e podemos buscar relações mais horizontais e ecológicas entre os muitos saberes produzidos.

Referências:

ALVES, Nilda. Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares. *Educar em Revista*, Curitiba: Editora da UFPR, n. 17, p. 53-62, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.219>. Acesso em: 11 out. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. [Livro eletrônico].

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2017. [Livro eletrônico].

Sobre as autoras:

Marcelle Tenorio – Pedagoga pela UERJ e mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ (ProPEd). Bolsista Mestrado Nota 10 da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). E-mail: marcelle.tenorio@gmail.com.

Luciana Porto – Pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores – UERJ/FFP. E-mail: lucianaportodamata@gmail.com.

Tamiris Marinho – Pedagoga pela UFF e mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação pela UERJ (PPGEdu). Orientadora Educacional no município de Maricá e Professora Docente II no município de São Gonçalo. E-mail: tatamiris7@gmail.com.